

Pobreza Para Marcelo Neri, país piorou no combate à desigualdade

Brasil precisa de equilíbrio entre o social e o econômico

Rafael Rosas
Do Rio

A redução da pobreza no país em 2020, como mostrou a pesquisa Síntese dos Indicadores Sociais 2021, esteve diretamente ligada ao auxílio emergencial instituído para atenuar os efeitos da pandemia. A pesquisa, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que os brasileiros abaixo da linha da pobreza passaram de 25,9%, em 2019, para 24,1% no ano passado. Mas o economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social e especialista no estudo da pobreza e da desigualdade no país, afirma que a realidade de 2020 já não é vista em 2021 — quando, ele estima, 4,5 milhões de brasileiros entraram na pobreza.

Neri critica os caminhos tomados nos últimos anos no combate à pobreza e à desigualdade e afirma que o país tem uma dificuldade histórica em conciliar crescimento econômico e melhora dos indicadores sociais. “Vínhamos num caminho de aprendizado e estamos numa situação de oscilação, de adotar políticas por impulso e refletindo pouco sobre o que aprendemos. Temos conhecimento e temos que resgatar esse conhecimento de alguma forma”, diz Neri.

O economista alerta, ainda, para a urgência de se combater a atual situação que ele considera de estagnação, de inflação alta e sem crescimento. Segundo ele, esse quadro penaliza ainda mais a camada mais pobre da população. O remédio, para ele, passa por um “caminho do meio”, com a busca por crescimento econômico com redução da desigualdade e com enfrentamento de problemas como o aumento de gastos. Leia a seguir os principais trechos da entrevista de Neri ao Valor.

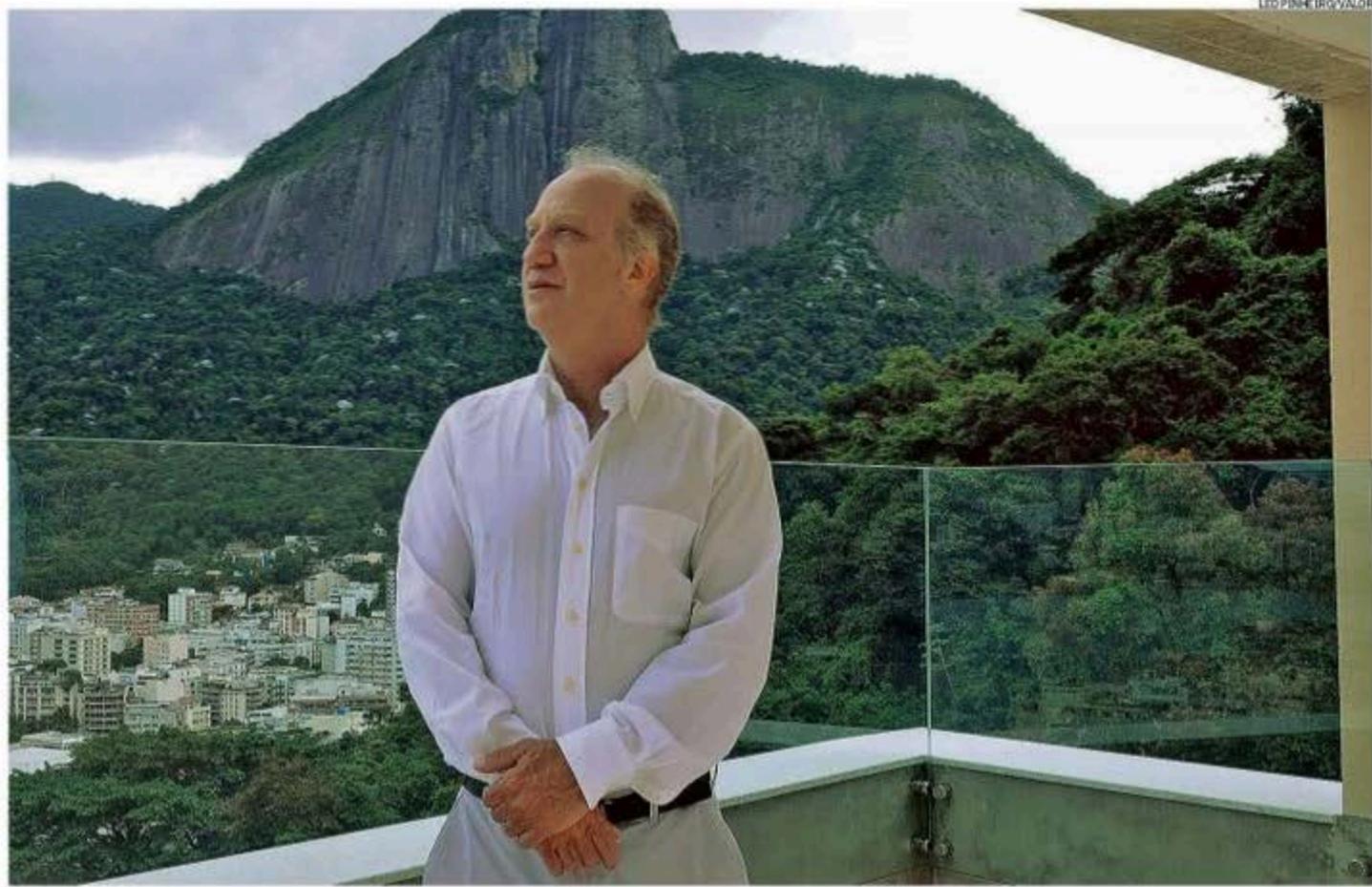
Valor: Qual a importância do auxílio emergencial para a contenção da pobreza no país?

Marcelo Neri: Tanto para o bem, quanto para o mal, o auxílio foi muito importante. Tem o

seu custo fiscal, que precisa ser levado em conta, mas basta dizer que os indicadores tanto de desigualdade quanto de pobreza atingiram os menores níveis das séries históricas por causa do auxílio emergencial, apesar da pandemia. Mas é preciso olhar à frente, porque quando a gente pega os dados da suspensão do auxílio no começo de 2021 e agora, na passagem do auxílio emergencial para o auxílio Brasil, a gente vê um forte aumento da pobreza e da desigualdade. Se pegar o dado de meados de 2021, temos 4,5 milhões a mais de pobres do que antes da pandemia, e com um bruto auxílio ainda. Não está no mesmo nível de 2020, mas é um programa muito maior do que era o Bolsa Família. Só que existem vários 2021. Tem o começo do ano, onde o auxílio foi suspenso, depois foi adotado e agora estamos voltando nessa transformação do auxílio, mas que basicamente está tirando 29 milhões de pessoas que até novembro receberam o auxílio e vão deixar de fazê-lo a partir de dezembro. Estamos com uma visão de retrovisor. É uma cena interessante e relevante, mas se a gente olhar para o lado e olhar para a frente, infelizmente são realidades diferentes dessa que a gente olha pelo retrovisor.

Valor: Como fica o cenário da pobreza no país daqui pra frente?

Neri: Sem dúvida é um cenário mais complexo. Complexo não só pela pandemia. De um lado, foram acopladas medidas emergenciais que entraram e saíram. Quando for feito um cenário de 2022 estará lá um auxílio de R\$ 400, mas que duraria a princípio até o fim de 2022 apenas. Ao mesmo tempo, criou-se um programa com nove tipos de benefícios, de complementações de renda. Eu diria que é um cenário mais complexo e, acho, com alguns retrocessos em termos de simplicidade, talvez excesso de pragmatismo por outro lado. A gente se acostumou com auxílio



Neri: Programas de auxílio hoje têm uma complexidade que não é interessante e ao mesmo tempo uma abordagem simplista que também não é interessante

de R\$ 600 e que, para boa parte das famílias, era R\$ 1.200. Metade das famílias recebia R\$ 1.200 e a outra metade recebia R\$ 600. Você tá dando dinheiro, independentemente do tamanho da família. Em algum sentido a gente involuiu em termos da maturidade para enfrentar os problemas em relação ao caminho que a gente vinha fazendo.

Valor: Ao falar em retrocesso, você se refere a essa simplificação?

Neri: Acho que a gente adicionou uma complexidade que não é interessante e, ao mesmo tempo, tem uma abordagem que é simplista e também não é interessante. Talvez a gente esteja no pior dos casos. A gente tornou complexas coisas que estavam funcionando bem e estamos tentando simplificar coisas que estavam funcionando bem.

Valor: Por exemplo?

Neri: Paga-se um auxílio para a família, independentemente do tamanho dela. É uma grande involução. Uma família que tem uma pessoa não vai ser pobre. Em família que tem cinco pessoas, [o auxílio] não vai ser suficiente para tirar da pobreza. Tem essa visão simplista por um lado. E uma coisa é o auxílio emergencial inicial e outra coisa é o Auxílio Brasil, que acopla um pedaço do auxílio emergencial dois anos depois. Acho que a curva de aprendizado foi pequena nesse processo. Na verdade foi uma curva de desaprendizado. Dar transferências, independentemente do tamanho da família, é uma coisa que a gente já tinha superado há muito tempo. Ao mesmo tempo cria prêmio de iniciação científica, prêmio de mérito esportivo. São coisas que o papel aceita, mas co-

mo você vai fazer num país grande como o Brasil? Há ideias boas, mas de difícil implementação.

Valor: É jogar expertise fora? Bolsa Família tinha expertise nisso.

Neri: Exatamente. Você fez um processo sem muito debate. Acho que a gente está vivendo solavancos. Se você pegar as trajetórias da extrema pobreza e mesmo da desigualdade no Brasil, você vai ver que quando esses programas são adotados, os indicadores sociais melhoram, e quando são diminuídos, as variáveis pioram. Às vezes tem um excesso de generosidade por um impulso, como dar um décimo-terceiro para o Bolsa Família.

“Não fizemos políticas que potencializassem o crescimento econômico sobre as condições de vida das pessoas”

Valor: E não se sustenta...

Neri: Não é feito com critério. Naquilo que é complexo, não é interessante, e naquilo que é simplista, também não é interessante.

Valor: O que o Brasil precisa fazer para voltar aos trilhos na redução da pobreza e da desigualdade?

Neri: Vínhamos num caminho de aprendizado e estamos numa situação de oscilação, de adotar políticas por impulso e refletindo pouco sobre o que aprendemos. Temos conhecimento e temos que resgatar esse conhecimento de alguma forma. O conhecimento foi acumulado e você não deveria desaprender isso. Uma lição que podemos aprender é que quando esses progra-

mas foram adotados e cresciam — desde o Bolsa Escola —, a desigualdade caía como nunca tinha caído nas séries estatísticas. Acho que as evidências são relativamente claras e nos permitem a retomada dessas políticas.

Valor: O Brasil reduziu a pobreza quando a economia ia bem...

Neri: Claro. O crescimento é fundamental. Mas algumas pesquisas mostram que houve um desarranjo durante a pandemia. O país não pode ser acusado de ser pouco generoso durante a pandemia. Investimos muito mais recursos que outros países emergentes, só que os resultados que obtivemos em educação, saúde e meio ambiente foram piores que outros países. Pior em dois sentidos. Não apenas pioraram enquanto outros países melhoraram, mas essa piora foi mais forte nos mais pobres do Brasil. Isso não se deu nos mais pobres do resto do mundo. Temos os problemas que falamos, mas não foi falta de generosidade. Não fizemos políticas que potencializassem os impactos do crescimento econômico sobre as condições de vida das pessoas hoje e a longo prazo. O Brasil sempre teve dificuldade de equilibrar o social com o econômico. No milagre econômico a gente cresceu muito, mas a desigualdade cresceu muito. Na redemocratização teve melhora nos indicadores sociais e uma estagnação nos indicadores econômicos. Nos anos 2000, a gente conseguiu construir um caminho do meio. E agora sinto que não é nem social nem econômico. Faz precatórios para financiar a política social, isso desaruma a economia e o [ganho] social não vale muito a pena. Talvez não seja social nem econômico,

talvez seja questão mais eleitoral.

Valor: Não conseguimos crescer e reduzir pobreza e desigualdade...

Neri: A gente conseguia fazer um dos dois. Em algum momento a gente conseguiu fazer um pouco dos dois, o que foi uma lição importante, que eu acho que a gente tem que resgatar. E nos últimos anos não estamos fazendo nem uma coisa nem outra.

Valor: Como trazer empregos de volta depois da pandemia?

Neri: A gente perdeu o fio da meada. Demos pouca ênfase a esse ponto esperando que o crescimento voltasse e trouxesse mais empregos, mais postos de trabalho. O crescimento não voltou e a conexão não foi bem trabalhada. Precisamos voltar nesse norte mas antes disso estamos em situação muito complicada, estamos em situação de estagnação. A inflação alta não permite que você cresça.

Valor: Como lidar com a situação de estagnação e conseguir reduzir a pobreza e a desigualdade?

Neri: É uma situação complicada. A gente sabe que consegue baixar a inflação. Mas tem custo, e o custo é maior quando você joga fora sua credibilidade. [O governo] deveria ter cortado outros gastos, enfrentado o problema. Se você não enfrenta o problema, o problema te pega de frente.

Valor: O ano eleitoral dificulta mais a redução da pobreza?

Neri: Temos uma polarização grande e no fundo a gente deveria estar seguindo o caminho do meio de ter uma agenda social e uma agenda econômica sólida. A gente já tinha descoberto isso. O caminho que acredito é olhar para os dois lados, resolver os dois lados.